

Racionalidade: como inspirar a reflexão ponderada?



Steven Pinker

Apresentada em 12 de novembro de 2021,
na 7ª Semana de Inovação: "Ousar Transformar"

Resumo da palestra: Os principais tópicos abordados nesta palestra são relativos a alguns insights de seu último livro e, também, sobre algumas das ferramentas mais poderosas de raciocínio, lógica, pensamento crítico, probabilidade, correlação e causalidade. Steven Pinker nos convida a aproveitar o poder da racionalidade, com o objetivo de fazer melhores escolhas em nossas vidas, para melhorar a justiça social e o progresso moral.

Palavras-chave: Racionalidade; Raciocínio lógico; Pensamento crítico; *Fake News*; Teoria dos Jogos.



Moderador da palestra: Diogo Costa

Boa tarde, pessoal! Vivemos em uma era em que há tanta inovação científica e tantos avanços tecnológicos... No entanto, por que o pensamento racional parece estar tão em falta? Ao mesmo tempo em que conseguimos desenvolver a vacina para o COVID em 48 horas (a vacina da Moderna foi desenvolvida em 48 horas, sem que tivessem acesso direto ao vírus, utilizando apenas arquivos digitais), a humanidade ainda enfrenta muitas dificuldades em saber como dialogar e em como ser capaz de combinar discurso público e liberdade de expressão com bom senso e civilidade.



Moderadora da palestra:

Bruna Santos

No fechamento desta Semana de Inovação 2021, nós vamos receber Steven Pinker, para partilhar conosco alguns insights do seu mais recente livro. Nós falaremos sobre ferramentas poderosas de racionalidade, lógica, pensamento crítico, probabilidade, correlação e causalidade.



DIOGO: Steven Pinker é um autor best-seller e professor de Psicologia da Universidade de Harvard. Suas pesquisas enfocam linguagem, cognição, relações sociais, racionalidade e natureza humana. Além disso, Steven Pinker é considerado uma das vozes mais racionais nos debates públicos, encorajando espaços saudáveis para discussões construtivas.



BRUNA: Seu último livro é chamado “Racionalidade: O que é, por que parece estar em falta, por que é importante”. Portanto, Pinker está fechando a programação desta Semana nos explicando porque pensamos de maneiras que fazem sentido na nossa vida diária mas, ainda assim, não usamos ferramentas poderosas de racionalidade, as quais nossos melhores pensadores descobriram ao longo dos milênios. Bem vindo, Steven Pinker. A palavra é sua.



STEVEN: Muito obrigado!

Eu acredito que, para falar sobre meu novo livro: “Rationality: What it is, why it seems scarce, why it matters?”, eu deveria começar falando sobre racionalidade humana. Então, a racionalidade humana se apresenta para nós como um quebra-cabeças. Por um lado, somos uma espécie altamente racional: nós descobrimos as origens do universo; andamos na lua; nós descobrimos as bases da vida e da mente; lutamos contra os cavaleiros do apocalipse e contra flagelos, como a guerra, cuja taxa de mortalidade reduzimos.

Nós também reduzimos a fome, a pobreza e as mortes precoces. Entretanto, ao mesmo tempo, a maioria dos americanos, entre 18 e 24 anos, acham que astrologia é “muito científica” ou é “um tipo de ciência”. Além disso, grande proporção dos americanos acredita em teorias da conspiração, tais como a que as vacinas de COVID contêm microchips que Bill Gates está tentando injetar em nossos corpos, para monitorá-los. Ou mesmo que o Estado americano, em suas zonas mais profundas, contém uma associação secreta, canibal e pedófila, adoradora do demônio, que Donald Trump revelará muito em breve. Ademais, as pessoas consomem notícias falsas (*Fake news*), tais como “Obama assina ordem executiva que bane o compromisso de obediência nas escolas em todo o país”. Ou, ainda há outra em que Yoko Ono diz: “Eu tive um caso com Hillary Clinton nos anos 1970”. Adicionalmente, muitas pessoas acreditam em fenômenos paranormais, incluindo possessão pelo demônio (42%), percepção extra-sensorial (41%), fantasmas e espíritos (32%), bruxas (21%) e que as montanhas, árvores e cristais têm energia espiritual (26%).

Em vista disto, como podemos explicar que tenhamos, simultaneamente, a presença de racionalidade na espécie humana e o fato de que ela parece ser tão escassa? Portanto, é sobre isto que tento me dedicar em meu livro. Neste sentido, se as pessoas podem ser racionais, por que parece que a humanidade está “perdendo a cabeça”? Não há uma explicação fácil para isto... Para explicar tal fenômeno, eu apresento quatro razões distintas.

A primeira podemos chamar de “Raciocínio Motivado”. A saber, racionalidade está sempre a serviço de um objetivo e este não é necessariamente uma verdade objetiva. Portanto, o “Raciocínio Motivado” não consiste em seguir a lógica para onde quer que ela te leve, mas, sim, em decidir qual decisão você acredita que seja verdadeira e, então, manipular seu raciocínio. Assim, ele termina aonde você quiser. Além disso, a racionalidade pode ser utilizada apenas para ganhar uma discussão na qual o resultado seja importante para você. Como disse o jornalista americano Upton Sinclair: “É difícil fazer com que um homem entenda algo quando sua sobrevivência depende de não entendê-lo”.

Ademais, talvez o objetivo seja provar quão sensato e virtuoso seu grupo é, isto é, sua religião, sua tribo ou sua seita política, e quão estúpido e maldoso o grupo oposto é, o que, às vezes, é chamado de “Viés do meu lado”. E também, de todos os muitos vieses e falácias que os psicólogos descobriram, sobre os quais eu argumento em meu livro “Rationality” (“Racionalidade”), o “Viés do meu lado” talvez seja o mais poderoso.

Portanto, eu vou dar-lhes alguns exemplos. Este é um silogismo lógico: se as admissões de faculdade são justas, então, as leis de ação afirmativa não são mais necessárias. Em outras palavras, as leis de ação afirmativa são aquelas que dão preferência a minorias raciais e mulheres. Por outro lado, as admissões de faculdade não são justas. Dessa forma, leis de ação afirmativa são necessárias. Sendo que, silogismos válidos são aqueles que a conclusão segue a premissa. Este é um silogismo válido? Bem, a resposta é não. Esta seria a falácia de “negação de antecedentes”. Nomeadamente, “P implica Q”, “Q portanto, em P”. Isto não é lógico.

Apesar disto, a maioria das pessoas da esquerda política, os liberais, cometem esta falácia que os conservadores não cometem. Diante disto, os conservadores diriam: “Bem, isto prova o que já sabemos. Isto é, que a esquerda é irracional”. Bem, vamos com calma! Deixe-me experimentar este outro silogismo: se punições menos severas impedissem as pessoas de cometer crimes, a pena capital não deveria ser usada. Por outro lado, punições menos severas não impedem as pessoas de cometerem crimes. Portanto, a pena capital deveria ser usada. Bem, isto também envolve a falácia de afirmar o consequente. Desta vez, os conservadores cometem a falácia e os liberais, não. Basicamente, ambos os lados irão distorcer a lógica para alcançar a conclusão que eles acreditavam ser verdadeira inicialmente.

Além disso, uma segunda explicação para a irracionalidade humana generalizada são as intuições primitivas que todos partilhamos. Talvez isto seja resultado de nossa evolução em ambientes naturais.

Por exemplo, nós todos somos dualistas. Acreditamos que as pessoas têm a mente separada do corpo. Portanto, quando você interage com uma pessoa, você não a trata como um robô ou uma boneca. Você atribui uma mente a elas. Você presume que, dentro delas, há um conjunto de crenças e desejos que, embora não possamos vê-los ou ouvi-los, inspiram seu comportamento. Então, este é o locus de sua consciência. E isto é um curto passo para imaginar que as mentes podem existir separadamente dos corpos. Consequentemente, temos crenças em espíritos, almas, fantasmas, em vida após a morte e em percepção extra-sensorial.

Ademais, também temos a visão do “Essencialismo”, no qual as coisas vivas contêm uma essência invisível, alguma matéria ou poder, que dá a elas forma e poder. Assim, as doenças aconteceriam quando algum contaminante, poluente ou adulterante fosse introduzido ao corpo. Dessa forma, esta intuição é um curto passo para rejeitar as vacinas. Porque, afinal de contas, as vacinas envolvem pegar uma parte do agente da doença ou germe e, efetivamente, injetá-lo em seu corpo.

Por isto também as pessoas rejeitam organismos geneticamente modificados, que repetidamente foram demonstrados serem perfeitamente seguros. As pessoas os vêem como algum tipo de poluente. Isto acontece também com outros aditivos alimentares. Além disso, isto explica porque as pessoas são suscetíveis a charlatanismos médicos, como a homeopatia e remédios os herbais, e porque, em muitas culturas, a doença é tratada com purgação, sangria, jejum e com essa noção vaga de se livrar das “toxinas”.

Uma outra visão primitiva é a da “Teleologia”. Como sabemos, nossos planos e artefatos são projetados com um propósito. Eles são projetados com algum objeto futuro em mente. Frequentemente, isto é um curto passo para presumir que o universo tem um propósito e para acreditar em criacionismo, em astrologia, em sincronicidade e na noção vaga de que tudo acontece por uma razão.

Mais uma razão seriam nossas intuições de autodefesa coletiva. Ou seja, a noção de que seríamos vulneráveis a ataques e emboscadas de inimigos conspirando em segredo, o que advém de nosso passado evolutivo, no qual os povos tribais eram mais vulneráveis a ataques. A partir disto, é fácil passar para a noção de que a falta de evidência destas conspirações é, na verdade, uma prova de quão diabólica elas são.

Nesse sentido, essas visões primitivas podem ser desaprendidas, e verdades científicas objetivas podem ser adquiridas somente através da confiança em conhecimentos legítimos, cientistas, historiadores, jornalistas e agentes do governo. Entretanto, apenas alguns de nós podem realmente justificar suas crenças, incluindo as verdadeiras. Há muito poucos de nós que, por exemplo, sabem o suficiente sobre química atmosférica para de fato explicar o que causa as mudanças climáticas. Mas, nós confiamos que as pessoas de “jalecos brancos”, que fizeram cálculos, estão falando a verdade. Por outro lado, experimentos e pesquisas demonstraram que os “Criacionistas” e os “Negacionistas das mudanças climáticas” não são menos “cientificamente alfabetizados” que aqueles que acreditam. Eles apenas diferem em sua ideologia política. Portanto, quanto mais à direita você estiver, mais negará as mudanças climáticas. Na verdade, as pessoas que acreditam em mudanças climáticas, frequentemente possuem bases duvidosas para suas crenças. Talvez as pessoas pensem que tem algo a ver com o buraco na camada de ozônio, com depósitos de lixo tóxico ou com os canudos plásticos no oceano. Isso não quer dizer que essas pessoas entendam de ciência, mas tem a ver com o fato de elas confiarem nos cientistas.

Ademais, crenças estranhas perduram em pessoas que não confiam nas instituições. Elas acham que os cientistas, os jornalistas ou os oficiais do governo são apenas mais um tipo de sacerdócio ou tribo. Assim, elas não têm maior apego à verdade do que um cara qualquer na internet, em algum site. E isso acontece especialmente quando as instituições ostentam sua própria política partidária. Por exemplo, quando os cientistas e jornalistas basicamente anunciam sua participação na esquerda política, então, a direita política naturalmente, irá se posicionar de forma oposta.

Por fim, há uma distinção entre o que eu chamo de “Crenças realistas” e “Crenças mitológicas”. Nesse sentido, Bertrand Russell certa vez disse: “É indesejável acreditar em uma proposição quando não há base alguma para supor que ela seja verdadeira”. Assim, se isto te atinge como óbvio, característico, banal ou “certamente”... então, você tem uma visão incomum pós-iluminista das crenças. Na verdade, o que Russell disse foi um manifesto antinatural radical. Em geral, a mente humana não funciona assim.

Nesse sentido, as pessoas têm dois tipos de crenças. Por um lado, suas convicções são o que eu chamo de “Zona de realidade”, que consiste nos objetos físicos em torno de nós, nas outras pessoas com as quais lidamos cara-a-cara, nossas memórias destas interações, as regras e as normas que são aplicadas em suas vidas cotidianas. Portanto, nesta Zona, as crenças são consideradas testáveis e são mantidas se forem verdadeiras. Além disso, nesta Zona, as pessoas são perfeitamente racionais. Mesmo as pessoas que acreditam em teorias da conspiração malucas estão suficientemente em contato com a realidade, pois elas possuem trabalho, pagam seus impostos, dão roupas a seus filhos, os alimentam e os levam para a escola a tempo, mantêm comida na geladeira e um teto sobre suas cabeças.

Porém, as crenças no que eu chamo de “Zona de mitologia” são muito diferentes, pois se trata de algo que aconteceu num passado distante, bilhões de anos atrás. O futuro incognoscível, povos e lugares distantes, cantos remotos de poder, como salas de reuniões corporativas, palácios presidenciais ou salas de comissões parlamentares, o microscópico, o cósmico, o contrafactual, o metafísico... Em outras palavras, em todos estes domínios mais abstratos, as pessoas possuem crenças, não porque elas são verdadeiras ou falsas, pois não há como saber, mas porque elas são divertidas, empoderadoras e moralmente edificantes. Se elas são verdadeiras ou falsas, isto é desconhecido e irrelevante.

Como exemplo, temos as crenças religiosas. As pessoas que acreditam em Deus, não dizem que podem vê-lo, ouvi-lo ou provar que ele existe. No entanto, apesar disto, elas apenas pensam que é importante acreditar nele. Além disso, temos os mitos nacionais, os heróis, os mártires e os deuses que fundaram a nação, sobre os quais os historiadores sempre nos contam e que não são tão nobres quanto são retratados nos mitos nacionais... Temos também ficção histórica, como as peças de Shakespeare. Nós realmente nos importamos se Henrique V fez, de fato, aquele discurso na batalha de Agincourt?

E, finalmente, temos as teorias da conspiração. Por exemplo, muitas pessoas afirmam acreditar que, digamos, Hillary Clinton administrava uma rede de sexo infantil numa pizzaria em Washington, DC. Apesar disto, elas não fazem o que seria óbvio, como chamar a polícia, que é o que você faria, se realmente acreditasse que crianças estivessem sendo estupradas no porão. Ao invés disto, eles fizeram coisas como deixar uma estrela na resenha do restaurante no Google. Agora, para pessoas como essas, que dizem que Hillary Clinton administrava uma rede de sexo infantil, isto é basicamente uma forma de dizer: “Huuu (Vaia), Hillary!”. Em outras palavras, é como se eles dissessem que ela é má e depravada, então, este é o tipo de coisa que ela poderia fazer. Mas, se ela de fato o fez ou não, bem, ninguém sabe realmente.

Diante disso, levanta-se a seguinte questão: Como podemos nos tornar mais racionais? Minha sugestão é de que as ferramentas de racionalidade formal, as maneiras de raciocinar de forma profunda, como a lógica, a probabilidade e a teoria dos jogos, deveriam se tornar intuitivas (“segunda natureza”/ “second nature”). Primeiramente, a racionalidade deveria ser o “Quarto R”¹, juntamente à leitura, escrita e aritmética e deveria ser ensinada nas escolas. Em segundo lugar, as normas de racionalidade deveriam ser promovidas. Nós deveríamos estar cientes de falácias como “Meu viés lateral” ou discussões ad hominem, que consistem em atacar a pessoa ao invés de seu posicionamento.

¹ Uma referência a um programa educativo, que inclui um quarto princípio, além de, leitura, escrita e aritmética, isto é, “Relacionamentos”.

Além dessas, deveríamos estar cientes também do, “Viés de disponibilidade”, que significa raciocinar a partir de anedotas que estão disponíveis na memória, em vez dos melhores dados. Portanto, deveria ser considerado embaraçoso, humilhante (faux pas/ “vergonhoso”) cometer alguma dessas falácias. Deveríamos tratar nossas crenças como hipóteses a serem testadas, e não tesouros que devem ser guardados, e mudar nossas mentes quando as evidências mudarem. Esta deveria ser a norma ou expectativa geral. Mas, talvez, o mais importante sejam as “instituições” que devem ser protegidas.

Ou seja, grupos de pessoas que concordam com certas regras que favoreçam a verdade e nos permitem ser mais racionais coletivamente do que individualmente. Em um grupo, as pessoas podem comparar suas descobertas, criticar as posições uns dos outros e perceber seus vieses. Por exemplo, em testes de lógica... comumente, em um teste que não seja tão intuitivo, somente 1 em 10 pessoas acertam. Mas, se você puser as pessoas em grupos de 4 ou 5 para trabalharem juntas e obterem as respostas corretas, então 7 em cada 10 acertarão. Mesmo que todos nós sejamos tendenciosos, nós somos muito bons em perceber os vieses das outras pessoas. Dessa forma, isto pode funcionar, se você tiver um grupo de pessoas seguindo as regras para alcançar a verdade.

Além disso, o que eu quero dizer por “racionalidade promovendo as instituições”? Bem, temos a ciência, quando há testes empíricos e “revisão pelos pares” (peer review). E também, governos democráticos, nos quais há “pesos e contra-pesos” (sistema que permite que os diferentes grupos de um governo regula atos de outro, para impedir a concentração de poder).

Assim, o presidente pode fazer o que ele quiser, mas poderá receber oposição dos tribunais e do parlamento. Ademais, temos o jornalismo, com sua exigência para edição e checagem de fatos. Temos ainda o sistema jurídico, com os processos contraditórios dos advogados da oposição. Outrossim, temos a Academia, com sua liberdade de pesquisa, investigação e os debates abertos, em que qualquer ideia pode ser criticada.

E até mesmo a Wikipédia, que é surpreendentemente precisa e cujos editores têm que se comprometer com a neutralidade e a objetividade. Portanto, você pode compará-la com o Twitter ou Facebook (mídias sociais), nos quais você ganha crédito, não pela objetividade, mas por valores como fama, notoriedade e entretenimento, e onde as opiniões podem facilmente ser compartilhadas ao invés de avaliadas. Além disso, essas mídias sociais são muito rápidas... qualquer ideia que você tenha, pode instantaneamente ser propagada, em oposição ao jornalismo responsável e à Academia, nos quais você peneira, filtra e tenta encontrar uma boa ideia dentre dezenas de ruins.

Então, porque a racionalidade importa? Bem, a racionalidade é importante para nossas vidas. Uma série de estudos demonstra que as pessoas que seguem modelos de racionalidade, evitando vieses cognitivos e falácias sofrem, em média, menos acidentes e contratempos. Ademais, elas são financeiramente mais saudáveis e têm melhores resultados em seus trabalhos.

Portanto, a racionalidade impulsiona o progresso material. Em meu livro anterior “O Iluminismo agora: Em defesa da razão, ciência, humanismo e progresso”, eu argumento que o progresso é um fenômeno real. Assim, se você mapear ao longo do tempo longevidade, paz, prosperidade, segurança e qualidade de vida, todos eles melhoraram. Consequentemente, isto nos leva a uma questão: “Isto significa que você acredita em progresso?”. Bem, a resposta é, não.

Como disse um comediante americano: “Eu não acredito em nada que você tenha que acreditar”. Dessa forma, o progresso vem da implantação da razão para melhorar o desenvolvimento humano. Em outras palavras, as pessoas vêem um problema, então, elas tentam descobrir como resolvê-lo. Às vezes, eles são bem sucedidos e mantêm a solução que funciona. Nós tentamos não repetir nossos erros. Sendo assim, esta é a única razão pela qual o progresso acontece.

Menos obviamente, eu acredito que a racionalidade impulsiona o progresso moral e a justiça social. Então, em um outro livro “Os anjos bons da nossa natureza: Por que a violência diminuiu”, eu faço referência a muitos exemplos históricos, demonstrando o declínio da violência e da opressão. Por exemplo, a diminuição das guerras, da tortura, dos genocídios e de autocracias. Nesse sentido, eu descobri que muitos desses movimentos começam com uma argumentação racional. Por exemplo, algum filósofo, pensador ou ativista apresentou argumentos alegando que algumas das práticas das pessoas eram incompatíveis com outros valores que eles afirmavam ter.

Então, estes argumentos foram reimpressos em panfletos e livros. Poderíamos dizer que “eles viralizaram”. Assim, eles eram discutidos em cafeterias, salões e pubs. Consequentemente, estes argumentos influenciariam as elites e, eventualmente, eles se tornariam lei naquela terra. Isto incluiria perseguições religiosas, punições cruéis, guerras, autocracias e, até mesmo, a escravidão. Por fim, eu discuto no fim do livro que o poder da racionalidade para guiar o progresso moral é uma peça fundamental, que tem o poder de guiar o progresso material e escolhas sensatas em nossas vidas.

Além disso, nossa capacidade de obter incrementos de bem-estar em um mundo impiedoso e de sermos bons uns com os outros, apesar da nossa natureza imperfeita depende da compreensão de princípios imparciais que transcendam nossa experiência provinciana (limitada). Nós somos uma espécie dotada de uma faculdade racional elementar, que descobriu fórmulas e instituições que ampliaram seu alcance.

Nesse sentido, elas nos despertaram para ideias e nos expuseram a realidades que se chocaram com nossas intuições e que são verdadeiras para tudo isto. Obrigado!



DIOGO: Muito obrigado, professor Pinker! Temos algumas perguntas do nosso público para você. Eu começarei por: “Qual sistema político você acredita ser mais condutivo para a racionalidade na política?” e “Qual deles previne melhor que os “malucos irracionais”, como dizem, de subirem ao poder?”



STEVEN: Bem, claramente a democracia liberal é o sistema político mais racional porque ela tem mecanismos de feedback (retorno) e de correção de erros. Se tivermos um autocrata, um líder forte, ele é apenas um ser humano, ele é só um “cara”. E ninguém é infalível. Ninguém é perfeito. Ninguém sabe de tudo. Inevitavelmente, alguém no poder vai fazer algo estúpido... ademais, as pessoas no poder gostam de acumular mais poder.

Por outro lado, em uma democracia, se houver algum erro em alguma política, as pessoas podem criticar, os jornalistas podem criticar, as pessoas podem protestar. E, no próprio governo, há sistemas reguladores (pesos e contrapesos), que mencionei anteriormente. Isto significa que o líder pode fazer o que ele quiser, mas ele precisa contar com a colaboração do Legislativo e do sistema judiciário. Da mesma forma, todos estes mecanismos reguladores são como, nas ciências, a demanda por peer review (revisão por pares) e testes empíricos.

Em outras palavras, são as maneiras através das quais qualquer ideia é corrigida, ou seja, através de feedback (retorno) fornecidos pelo mundo. Entretanto, em um sistema de governo que reprima a liberdade de expressão, que dê poder a um líder forte, então, certamente, ele vai fazer algo estúpido e talvez, até mesmo coisas cruéis.



DIOGO: Portanto, “A democracia liberal é o modelo político que você acha mais racional?”.



STEVEN: Seguramente, a democracia liberal é o mais racional.



DIOGO: “Há algum sistema eleitoral, representação proporcional, majoritária, que você considere mais racional?”.



STEVEN: Ah, sim! As democracias têm uma variedade de mecanismos e alguns deles são definitivamente mais racionais do que outros. Por exemplo, o sistema americano é provavelmente o menos racional por haver um colégio eleitoral e, virtualmente, ninguém poder defender o colégio eleitoral. Mas, mesmo que não houvesse o colégio eleitoral, mesmo que fossem votos populares, uma vez que qualquer sistema que, como dizem, é de maioria simples (“*First past the post*”), ou seja, o sistema em que quem obtiver a maioria de votos, ganha, será menos racional, no sentido que falhou em satisfazer as preferências da maioria dos eleitores quando houver um terceiro candidato, de outro partido.

Eu não deveria dizer “quando” mas, ao invés disto, “frequentemente”. Portanto, dentre os diferentes sistemas eleitorais, por exemplo, entre um sistema eleitoral com dois turnos ou por classificação, nós sabemos que cada um deles tem suas próprias imperfeições. Não existe um sistema eleitoral que satisfaça todos os critérios que desejamos que um sistema eleitoral tivesse. Alguns são melhores do que outros. Mas, o sistema pluralista/majoritário ganha como um dos piores.



BRUNA: Excelente, professor Pinker! Primeiramente, eu tenho que dizer que temos mais de 6.000 pessoas nos assistindo agora, no Brasil, e eu estou segura de que eles estão ansiosos pelo lançamento de seu livro traduzido para o português.



STEVEN: Sim, ele será.



BRUNA: Nós estamos ansiosos para isto. É importante dizer que nossas perguntas são votadas pelo público. Então, começaremos com a que foi a mais votada. Assim, “Dado que o negócio das mídias sociais é impulsionado pelo engajamento e pela emoção, como incentivar a racionalidade neste ambiente?”



STEVEN: Esta é uma pergunta excelente, porque todos os mecanismos que permitem que certas instituições promovam a racionalidade, como a ciência, a democracia liberal e o sistema judicial, são totalmente inaptos nas mídias sociais. É quase como se estas instituições fossem opostas às mídias sociais. Assim, temos uma proliferação instantânea de ideias sem reflexão, sem filtrar as ruins e as boas. Além disso, você obtém estima ou glória com base em valores como fama, notoriedade e entretenimento, ao invés de uma reputação baseada em exatidão. Ainda, não está claro quais mudanças nas plataformas de mídia social, em seus algoritmos ou em seus mecanismos de engajamento, deveriam ser feitas para que elas pudessem se tornar mais racionais.

Poderia ser através da desaceleração das coisas... Por exemplo, fazer com que as pessoas acumulassem uma pontuação, baseada em quão criteriosas ou quão precisas suas postagens foram, apesar de haver formas de pontuar postagens por sua complexidade intelectual, em oposição a valores baseados somente em insultos.

Eu acho que elas são tão novas, e as interações são tão complexas, que seria muito difícil saber, de antemão, o que funcionaria e o que não. Mas nós podemos pressionar as empresas a experimentar modificações que fariam com que as mídias sociais fossem menos polarizadas e divisivas e mais precisas e deliberativas. Eu não sei quais poderiam ser essas modificações.



DIOGO: Obrigado, professor Pinker! Como você vê o futuro das instituições de ensino superior, onde a busca por objetividade e racionalidade pode, às vezes, ser vista como perigosa ou associada a outros objetivos sociais?



STEVEN: Bem, eu acho que há um problema na educação superior na América, onde há um estreitamento dos pontos de vista políticos. Há cada vez menos conservadores, quase todo mundo é liberal ou esquerdista, e isto significa que os estudantes e professores estão sendo cada vez menos expostos a críticas e pontos de vista alternativos.

Além disso, há o problema de punição de opiniões não ortodoxas, em que as pessoas podem ser demitidas ou receber medidas disciplinares por questionarem certas políticas ou ideias. Conseqüentemente, isso irá desabilitar ou desestimular o único mecanismo que temos para nos aproximarmos da verdade, que consiste na expressão de ideias, permitindo com que elas sejam criticadas.

Se certas ideias não puderem nem mesmo ser expressadas, então, garantidamente seremos ignorantes para certas respostas. Neste sentido, há uma citação que diz: “Quanto mais nós discordarmos, maiores são as chances de ao menos um de nós estar certo”.



BRUNA: Sim... Nós temos uma pergunta relacionada à física. Na verdade, vou começar com uma outra e, então, perguntarei sobre física teórica, que eu acho que é muito interessante: “você acredita que o aquecimento global é uma questão relacionada a um ciclo natural de nosso planeta?”



STEVEN: Eu acho que as evidências são esmagadoras, portanto, não fazem parte de um ciclo normal do planeta. Entretanto, eu penso que seria melhor fazer esta pergunta para alguém com experiência em clima e em história geológica. Mas, meu entendimento é de que há um enorme ou esmagador consenso e um bom motivo para acreditar que o aquecimento global não é parte de um ciclo natural, que está completamente fora de sintonia com os ciclos naturais.

Nós nunca tivemos níveis de dióxido de carbono como estes. Nunca tivemos taxas de aquecimento como estas. Definitivamente, estamos vendo algo que é historicamente incomum.



DIOGO: Eu quero perguntar a você sobre um dos temas do seu livro “Racionalidade: quão dependente ela é da racionalidade social?”. Aristóteles pensava que a moralidade individual depende da moralidade social. Portanto, “A moralidade individual também deveria depender da racionalidade social ou nós deveríamos ser mais irracionalmente racionais numa sociedade irracional?”.



STEVEN: Bem, na verdade, não. De fato, quando falamos sobre o papel de instituições como ciência, democracia liberal, jornalismo e sistema judicial, estes são tipos de racionalidade social. Nomeadamente, não é somente uma pessoa tentando ser brilhante. É uma comunidade de pessoas, que podem criticar uns aos outros e decidir quais ideias provavelmente são verdadeiras.

E também, quais provavelmente são falsas. A partir disso, você pode combinar ideias, tornando-as cada vez mais complexas. Então, este é o tipo de racionalidade social que eu acredito ser a única forma de nos tornarmos coletivamente mais racionais. Neste sentido, nunca é apenas um gênio, porque nenhum ser humano está livre de ser tendencioso, e ninguém é suficientemente inteligente para pensar em tudo por conta própria.



BRUNA: Então, onde se encaixariam teorias que não podem ser testadas, como a da Matéria Escura? Elas poderiam ser consideradas crenças mitológicas? Deveríamos considerá-las não científicas?



STEVEN: Bem, provavelmente um físico estaria mais apto para responder esta pergunta, mas até onde eu sei, a natureza da Matéria Escura não é inerentemente não testável, apesar de ser difícil testá-la na prática, uma vez que não temos sensores grandes ou sensíveis o suficiente para fazê-lo. Portanto, ela pode ter que ser avaliada através de diferentes explicações, com parcimônia e consistência com outras coisas que conhecemos em física. Mas, eu penso que isto seria diferente de Mitologia, em que a única razão para acreditar está relacionada a valores de entretenimento. Além disso, é um valor moral e é válido para unir a tribo, por exemplo.

Por outro lado, em física, nem tudo pode ser testado na prática, por não termos um acelerador de partículas do tamanho de Júpiter, ou por alguma outra razão. Isso não significa que a teoria ou o fenômeno não seja logicamente testável. Apenas significa que, talvez, não sejamos capazes de construir os aparelhos que necessitamos para testar estas teorias ou reunir as observações necessárias.



DIOGO: Deixe-me perguntar a você sobre a reconciliação entre a liberdade de expressão e a racionalidade nas mídias sociais. Nós deveríamos ter projetos que façam com que a racionalidade seja mais lucrativa?



STEVEN: Sim! Isto é exatamente o que deveríamos fazer, se pudermos descobrir quais são estes projetos. Um exemplo disto seriam as previsões de mercado, no caso de haver questões como eleições, a saída de algum país da União Europeia ou a flutuação do preço do Euro. E as pessoas, na realidade, apostam umas contra as outras sobre o que acontecerá.

Então, quando o evento acontecer ou se ele não acontecer, quem tiver uma melhor compreensão do mundo fará mais dinheiro. Portanto, este é um exemplo de como fazer com que a racionalidade seja lucrativa. Por conseguinte, há uma discussão acerca do fato de os mercados de previsão serem muito mais precisos do que especialistas individuais. Dessa forma, ao fazer com que este tipo de precisão seja rentável, podemos incentivar cada vez mais pessoas a utilizar seus conhecimentos e, assim, chegar a previsões mais racionais.



BRUNA: Essa pergunta também é muito boa: “Quais são ações ou regras comuns hoje em dia, que serão consideradas irracionais daqui a alguns séculos?”



STEVEN: Bem, é difícil saber... Mas, tem sido frequentemente sugerido que a agricultura industrial e, de forma mais geral, comer carne, serão considerados algo tão primitivo, tão inaceitável, quanto leilões de escravos ou queimar hereges são, nos dias de hoje. Além disso, também é possível que nossa demora em mudar de combustíveis fósseis para fontes de energias alternativas seja considerada altamente irracional. Eu suspeito que evitar a energia nuclear e fechar centrais nucleares fará com que países que dependam muito do carvão e do petróleo sejam vistos como irracionais. Ademais, muitos aspectos científicos e tecnológicos estão destinados a melhorar. Assim, algumas das crenças que temos agora serão consideradas, se não irracionais, certamente, equivocadas. Que não são necessariamente a mesma coisa.

As armas nucleares também podem ser consideradas um outro exemplo, como equipamentos militares que sejam inúteis, mas que tenham um potencial de dano catastrófico. Então, é possível que armas nucleares sejam consideradas como inexplicavelmente irracionais.



DIOGO: Qual seria a crença mais importante sobre a qual você mudou de opinião?



STEVEN: Bem, provavelmente a crença de que cada um de nós é infalível ou perfeitamente racional. Todos nós acreditamos ser racionais e que todos os demais são irracionais. Portanto, provavelmente, a crença mais importante é a de que, frequentemente, as pessoas terão opiniões que acabarão por estarem corretas, enquanto a sua não.



BRUNA: Você acredita que a mente seja um sujeito (objeto de estudo)? Ou ela é somente uma forma de descrever comportamentos internos?



STEVEN: Bem, eu certamente acredito. Eu sou um cientista cognitivo e estas são pessoas que estudam a mente. Nesse sentido, eu passei toda a minha vida comprometido com a ideia de que a mente é algo que pode ser estudado. Então, absolutamente, sim!



DIOGO: Você vê o seu livro como sendo parte de uma série de livros que vêm lidando com a crise epistemológica? Pensando sobre os livros de Julia Galef, “A Mentalidade Escoteira” (“*The Scout Mindset*”) ou, de Jonathan Rauch, “A Constituição do Conhecimento” (“*The Constitution of Knowledge*”), você acha que esta é uma onda de livros que estão falando sobre problemas similares aos que estamos enfrentando?



STEVEN: Sim, eu diria que meu livro está bem alinhado com as temáticas dos livros de Galef e Rauch.



BRUNA: “A irracionalidade no poder é muito mais danosa do que no resto da sociedade”. Esta foi uma afirmação. Assim, “Como a governança/ administração pública pode melhorar isto?” E, “Você acha que podemos construir uma melhor arquitetura do sistema político para fazer isto?”.



STEVEN: Sim. Eu acho que esse deve ser um imperativo: fazer com que a administração pública (governança) seja mais racional. Eu falo em meu livro sobre várias formas de fazer isto. Mesmo que todos achem que a sociedade está enlouquecendo e que a racionalidade está diminuindo, de muitas maneiras, há movimentos que estão fazendo com que sejamos mais racionais do que nunca.

Por exemplo, nos esportes, temos o *Moneyball*. Talvez você tenha visto o filme do Brad Pitt sobre o uso de dados e estatísticas para tomar decisões em esportes, ao invés de usar somente palpites e intuições. Na filantropia, há o altruísmo eficiente. Você decide onde suas horas e seu dinheiro serão melhor empregados. Há também o policiamento baseado em evidência, como o uso da força policial nas zonas que em que há mais crimes, para reduzir ainda mais a violência criminal.

Além disso, há a medicina baseada em evidência, que avalia as práticas médicas para ver o que de fato funciona, através do uso de ensaios clínicos randomizados. Você divide em dois grupos: um que recebe o tratamento e um controle que recebe o placebo. Então, os dois grupos são comparados. Ademais, há uma governança eficiente, às vezes chamada de Nudge, às vezes de “Insights de Comportamento” (“*Behavioural Insights*”) ou somente de governança baseada nas evidências. Em geral, o uso de dados coletados, a análise de evidências servem para ver quais políticas governamentais, de fato, fazem o que foram projetadas para fazer.

Por exemplo, temos o engajamento de pessoas, fazendo com que elas estejam cientes de serviços governamentais ou afastando-as de comportamentos prejudiciais. Há uma organização que eu consulto, chamada Apolitical, que tenta partilhar as informações existentes entre servidores públicos nos governos de todo o mundo, pelo fato de que todos eles possuem um problema em comum, que é saber quais políticas e programas funcionam e quais não. Frequentemente, este conhecimento existe. Entretanto, ele pode estar confinado numa agência, em algum governo, e seria muito benéfico se estas informações fossem compartilhadas e se outros municípios, outras províncias, outros países pudessem usar seus conhecimentos para saber o que funciona. Assim, esses foram alguns exemplos de como aplicar dados e evidências para fazer com que nossas práticas sejam mais racionais.



DIOGO: A América, neste momento, está sofrendo muito menos influência religiosa do que antigamente, digamos, há 20 anos atrás. Que impacto você acha que isto teve na racionalidade social?

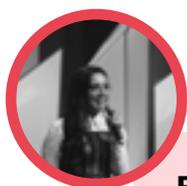


STEVEN: Bem, há diferentes aspectos deste contexto. Por muitos anos, os Estados Unidos ficaram para trás de muitas democracias ocidentais, com relação à sua influência religiosa. A América era um país excepcionalmente religioso. Ele ainda é mais religioso do que a maioria dos países da Europa Ocidental ou da “Comunidade das Nações” (“*The Commonwealth*”)². Mas, os EUA estão se tornando cada vez menos religiosos, principalmente as gerações mais jovens. A geração Y (“*Millennials*”) é menos religiosa do que a geração da explosão demográfica (“*Baby Boomers*”) e, a geração Z é menos religiosa do que a geração Y.

² É uma organização intergovernamental composta por 53 países independentes. A maioria dos membros da Commonwealth são antigas colônias do Império Britânico, com duas exceções, Moçambique, que foi colônia portuguesa e Ruanda, antiga colônia belga

Em parte, essa tendência é movida por uma incapacidade de acreditar em milagres, histórias e escrituras. E, em parte, também é impulsionada por uma alienação ou afastamento de todas as instituições. As pessoas mais jovens são menos comprometidas, não só com igrejas e sinagogas, mas também com o governo. Elas confiam menos no governo e na imprensa. Entretanto, isto não é necessariamente algo bom porque são as instituições que nos oferecem a melhor esperança de sermos racionais.

Nos Estados Unidos, e acho que em outros países também, as pessoas muito religiosas têm uma influência muito maior no governo. Em outras palavras, sua influência está acima da média, dos números reais, uma vez que as pessoas religiosas são comprometidas com instituições que trazem todos os seus membros para votar. As pessoas mais seculares, menos religiosas, entretanto, simplesmente não se importam com nenhuma instituição, portanto, elas ficam em casa e não vão votar. Então, a porcentagem da população americana que é cristã-evangélica e a porcentagem de ateus, agnósticos e humanistas é quase a mesma, mas todos evangélicos votam, enquanto que os ateus e humanistas ficam em casa. Isto se dá por causa de seu afastamento das instituições, e isto não é algo muito bom.



BRUNA: Professor, este evento, a SEMANA DE INOVAÇÃO, tem um lema este ano: “Atreva-se a transformar”. Portanto, é uma chamada à ação para os servidores públicos, os agentes públicos do Brasil, para construir futuros ousados e melhores, para começar a transformá-los agora mesmo. Então, uma das perguntas que temos, delineando o programa é “Qual futuro faria com que o passado tenha valido a pena?”. Tendo isto em vista, eu te faço a mesma pergunta que fizemos para nosso público.



STEVEN: Um futuro no qual possamos identificar quais são as coisas que valorizamos e quais são as coisas que tornam as pessoas melhores, que seriam: vidas mais longas, melhor saúde, melhores níveis de instrução/educação, mais conhecimentos, mais oportunidades de aproveitar o mundo, de desfrutar da natureza, da cultura, menos violência, menos doenças, menos guerras... todas estas coisas. Neste sentido, eu mostrei em meu livro anterior que a maioria destes aspectos demonstraram melhoras. Conseqüentemente, um futuro em que eles tenham melhorado ainda mais, seria um futuro que teria feito o caminho valer a pena. Eu não acredito na utopia. Eu acredito que o mundo jamais será perfeito. Além disso, eu acredito que seria perigoso tentar buscar a utopia devido a uma série de razões.

Uma delas é que as pessoas são diferentes. As pessoas discordam umas das outras. Ademais, qualquer coisa que fizesse algumas pessoas mais felizes, poderia fazer outras menos felizes. O problema com a utopia é que as pessoas no poder teriam que impor sua visão sobre todas as outras... além disso, se elas acharem que têm um plano para fazer com que o mundo seja perfeito para sempre, isto significaria que, qualquer um que discordasse, representaria um impedimento para alcançar o mundo perfeito. Isto é muito cruel!

Bem, nós conhecemos esquemas utópicos, como a China comunista de Mao e o Reich de mil anos de Hitler, e eles envolvem genocídios em massa, pois as pessoas que se opuseram a eles, que não faziam parte de seu plano perfeito, eram consideradas um estorvo e tinham que ser removidas do caminho.

Além disso, dentre as coisas que valorizamos, existem escolhas. Por exemplo, nós todos concordamos que liberdade é algo bom, que a saúde é algo bom... Entretanto, se dermos às pessoas liberdade, parte desta liberdade inclui fazer coisas insalubres/não-saudáveis. As pessoas irão beber demasiadamente, vão usar drogas, vão dirigir rápido demais... Ainda há a escolha entre a liberdade e a igualdade. Se você permitir que as pessoas possam competir economicamente, de acordo com seus talentos ou sua sorte, algumas pessoas acabarão com mais do que as outras. Não é possível ter ambos (liberdade e igualdade). Por outro lado, se você fizer com que todos sejam iguais, isto significa restringir o que algumas pessoas podem fazer, em comparação às outras. Dessa forma, elas não irão avançar.

Portanto, as escolhas estarão conosco permanentemente. E é por isto que tentar fazer tudo perfeito é uma receita para o desastre. Por outro lado, tentar fazer com que as coisas sejam melhores, para que, mesmo com os conflitos, nos tornemos um tanto mais ricos, mais livres, mais saudáveis e mais felizes... isto sim, pode ser alcançado. Nós sabemos que isto é possível porque o fizemos no passado. Nós somos mais saudáveis, vivemos mais e somos mais ricos agora do que costumávamos ser. Portanto, não há razão para que isto não possa ser ainda mais extrapolado.



DIOGO: Se o nacionalismo e o comunismo foram as duas melhores alternativas ao liberalismo democrático, no século XX, quais você acha que serão as alternativas no século XXI?



STEVEN: Bem, certamente o nacionalismo na forma de um populismo autoritário é um fenômeno muito típico do século XXI. E tanto o público do Brasil, quanto o dos Estados Unidos, experimentaram recentemente o sabor muito forte disto. Portanto, esta seria uma das ameaças: o populismo nacionalista autoritário. A outra seria um tipo de radicalismo esquerdista, que iria derrubar tudo, pois partiria do princípio de que o sistema é tão corrupto, decadente e cruel, que qualquer coisa seria melhor do que o que temos agora, ao invés de tentar trabalhar para buscar o progresso, resolvendo os problemas que enfrentamos. Assim, este tipo de niilismo destrutivo, que tem sido atrativo para muitas pessoas, é uma certa necessidade do caos e de destruir tudo. Então, esta é uma outra ameaça. E, em alguma medida, eu acredito que seja algo que às vezes é chamado de “Despertar” (“*Wokeism*”³), nos Estados Unidos, o que significa política identitária, na qual as pessoas não são tratadas como indivíduos mas, sim, como membros de grupos raciais ou de acordo com suas orientações sexuais, por exemplo. E, nestes grupos, costuma haver um pensamento de estar em constante estado de conflito ou enfrentamento.

³ O comportamento das pessoas que são sensíveis a injustiças sociais e políticas.

Portanto, a única forma com a qual eles poderiam ascender, seria empurrando os demais grupos para baixo. E esta é, eu acredito, uma receita para o conflito e para aumentar a polarização, que funciona contra as formas de negociação constantes e contra o reconhecimento dos direitos humanos individuais, que são as bases da democracia liberal.



BRUNA: Professor, um dos objetivos deste evento e do nosso trabalho é catalisar a formação de um novo setor de servidores públicos do século XXI, que para nós, deveriam ser encorajados a ousar transformar. Dessa forma, eu gostaria de pedir a você para completar rapidamente a seguinte frase: “O líder público do século XXI é um líder que...”



STEVEN: A melhor evidência deste líder seria projetar políticas que tornem as pessoas melhores. Eu sei que isto é muito vago, que pode não dizer muito, mas, certamente, eu acredito que o uso de evidências será crucial. E também, o objetivo de resolver problemas. Então, talvez o melhor líder seja aquele que acredita que... deixe-me colocar de forma diferente... os problemas são solucionáveis. E as soluções criam novos problemas, que devem ser resolvidos à sua vez.



BRUNA: Você acabou de publicar um livro e nós estamos, como eu disse anteriormente, muito curiosos para lê-lo em português. Mas, antes de terminarmos, eu gostaria de te perguntar em que você irá trabalhar em seguida.



STEVEN: Bem, eu vou escrever um livro sobre o conceito de conhecimento comum/geral, do ponto de vista técnico, da teoria dos jogos. Em outras palavras, eu sei algo, você sabe algo, eu sei que você sabe que eu sei, você sabe que eu sei, e assim por diante. Portanto, este é um conceito lógico, que eu acredito que tenha uma contrapartida psicológica. Explicando melhor, há uma diferença entre algo que todos sabem que é verdade e algo que está por aí, que é público ou de conhecimento geral. Há uma enorme diferença entre estes dois, e eu estou fazendo trabalhos experimentais para avaliar como isto afeta nossas emoções e nossa linguagem. Então, eu terei um novo livro, mas não antes de 3 ou 4 anos, que se chamará: “Não vá lá: Conhecimento geral/comum e a ciência da hipocrisia, civilidade, indignação e tabu” (tradução livre – “*Don’t go there: Common knowledge and the science of hypocrisy, civility, outrage and taboo*”).



BRUNA: Muito obrigada! Eu sei disso e o Diogo sabe que esta foi uma palestra fantástica na nossa SEMANA DE INOVAÇÃO 2021. Muito obrigada!



DIOGO: Muito obrigado, Steven Pinker!



STEVEN: O prazer foi meu. Obrigado por me receber. Foi muito bom falar com todos vocês!

ENAP